

Maioria silenciosa decide se organizar

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Está repercutindo nos meios políticos do Rio a frase ácida do senador Jarbas Passarinho a respeito da performance do seu novo colega, Alvaro Pacheco, editor do Clube Old Bistrô, suplente do ministro Hugo Napoleão e, agora, guindado ao nível da Constituinte por uma manobra casuística do amigo José Sarney. Em sua primeira fala no Senado, o sr. Pacheco foi grosseiro com seus pares, irritando a todos, Passarinho perdeu a paciência e comentou: "Imagina ter que ouvir isso de uma pessoa que não foi eleita sequer para vereador". (Frase publicada no jornal O Globo de domingo passado.)

Aconteceu com o sr. Pacheco o mesmo que ocorreu com seu amigo íntimo, presidente Sarney. Ambos foram promovidos para além das suas competências. Eram razoáveis na província, na política de conchas, no jogo pequeno dos compadres, no lance da porta da farmácia, na "bisca" no alpendre da fazenda. Trazidos para o Planalto, solicitados para causas maiores, de estadistas, nas quais uma visão mais ampla e um descortino de alta competência seriam necessários, esses senhores do Piauí e do Maranhão mostraram sua falta de preparo. Quem nasceu para Waldick Soriano, nunca chega a Tom Jobim. É uma questão de estofamento. Triste Brasil, que ainda guarda na sua ecologia política esses exemplares (se Deus quiser) em extinção.

A turma do Centrão está fugindo das conversas do Sarney como o diabo da cruz. É que os constituintes engabelados, isto é, os da maioria silenciosa, partidários da livre iniciativa e da economia de mercado; legitimamente eleitos pelo povo mas aliçados das comissões pela esquerda manipulara, esses parlamentares interessados em dar ao Brasil uma Constituição decente — e não uma colcha de retalhos com entraves socializantes — resolveram, afinal, tomar o plão na unha e fazer valer a proporcionalidade democrática. A maioria decide, a maioria, com mandato popular, configura a Carta Magna, a maioria dá o tom e diz como nos governaremos nos próximos 50 anos. Até três semanas, estávamos recebendo ordens de uma esquerda radical e atrevida, pronta para ganhar no grito e na chicana. Há mais de um ano estamos denunciando aqui o avanço despropositado da esquerda no bojo de uma Constituinte, cuja indiscutível maioria é de parlamentares do centro, porque o povo brasileiro que votou é, basicamente, do centro, e não quer nada com socialistas, comunistas, estatizantes e imobilistas. Parecia que essa maioria estava cega ou de mãos atadas, pois não reagia aos avanços da radicalia manipulara. De repente, não mais que de repente, o centro resolveu acordar e promover a grande mobilização do empresariado para influir na Constituinte e livrar-nos de uma malta retrógrada, interessada em nos amarrar as mãos para perpetuar a miséria, sua matéria-prima.

E nem por coincidência estamos comemorando os 70 anos da revolução comunista na Rússia. Os gigantescos massacres de Stalin, as pro-

messas falidas de Kruschen, de alcançar a curto prazo o nível da economia americana, a revelação do "Gulag" e a grande estagnação da economia soviética foram temas de debate entre os próprios membros da atualidade, movidos pelos ventos inovadores da Glasnost (abertura) de Mikhail Gorbachev. Parece que os vermelhos se cansaram de coíter captim, atolados numa economia voltada para a produção bélica, na qual falta a mantelga e a geladeira. A Perestroika (reestruturação) incentivada por Gorbachev tem um objetivo muito simples: aumentar o poder de consumo do povo soviético que, após quase um século de sacrifícios, tem menos qualidade de vida do que um funcionário do quarto escalão do parque industrial japonês, da segunda economia do mundo (apesar de haver perdido uma guerra), porque optou pelo capitalismo e pela livre iniciativa, em vez de cair no atoleiro do dirigismo estatal que gerou a estagnação da Rússia.

Na China, a mesma abertura, talvez até mais rápida que a dos soviéticos. Enquanto isso, aqui em Brasília, estávamos fabricando uma Constituição que o próprio Marx, ou talvez Lenin, considerassem anacrônica. Só uma anedota poderia completar o quadro de tanta irracionalidade política. Ao fim da última Guerra Mundial, um jornaleco da minúscula cidade de Aracati, no Ceará, intitulado A Luneta, publicou um editorial que começava assim: "Nós bem que advertimos o sr. Adolfo Hitler..."

O fotógrafo Paulo Garpez, na varanda do Antônio's (o "Café de Flore" de Ipanema), dizia há poucos dias algo parecido: "O Marx e o Lenin deviam saber que aquela história de ditadura do proletariado não podia dar certo. Quem sabe gerar riqueza é empresário". O cronista Fernando Pedreira, no seu artigo "Escatologias", disse também: "O objetivo de Lenin era o poder e não a justiça. E o seu gênio foi justamente o de travestir o poder como justiça".

Enquanto isso, o tiroteio de Brasília continua. O Murad pede o bote e vai embora. Logo ele, que segurava a barra da Roseana, aquela que foi capaz de usar o Boeing presidencial três, quatro vezes por dia para ir focar política municipal em São Luiz do Maranhão. O Boeing presidencial, convertido em charrete da fazenda do Sarney, no Planalto, foi muitas vezes enviado ao Maranhão para apanhar meia dúzia de avoantes (passaro comestível da predileção da família), ou dois ou três quilos de feritum (abóbora, na tradução nordestina). E nós, contribuintes, pagando essa festa captra. O Catilina!

A crise ameaça levar o País à subjevação social. O grande médico ortopedista Carlos Giesta, em reunião de colegas da academia e políticos cariocas, no apartamento do professor Nova Monteiro, citou esta frase sintomática de Maquiavel: "Certas doenças, como algumas crises políticas, são, no princípio, de difícil diagnóstico, mas curam-se com facilidade. No entanto, correndo o tempo, não tendo sido reconhecidas nem medicadas, essas doenças (ou crises políticas) tornam-se incuráveis, embora seu diagnóstico passe a ser facilíssimo". É isso aí.